

Sobre Souza, José Inácio de Melo. *Salas de cinema e história urbana de São Paulo (1895-1930). O cinema dos engenheiros*

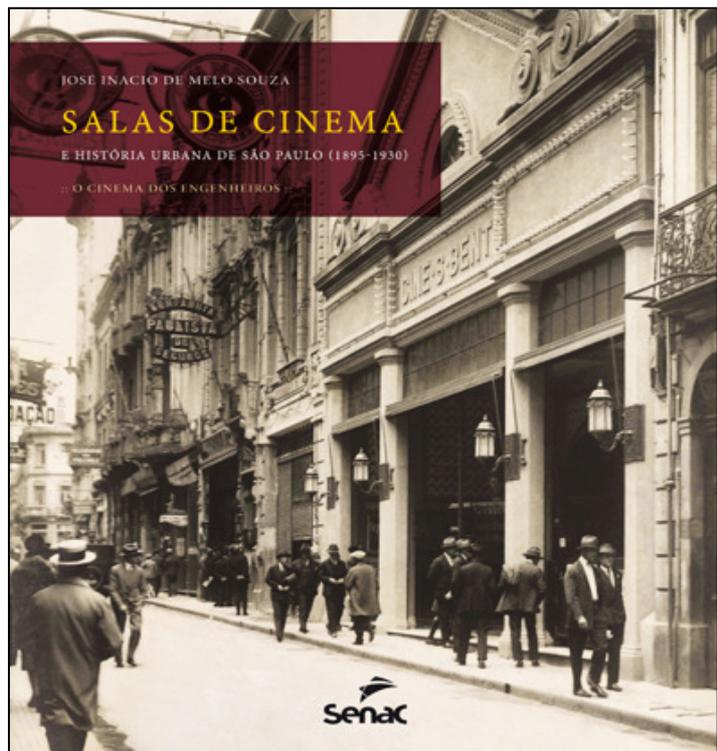
São Paulo: Senac São Paulo, 2016, 398 pp., ISBN: 978-85-396-0446-3

Talitha Ferraz *

A exibição de imagens em movimento e as experiências de

espectatorialidade, historicamente, sempre tatearam os espaços urbanos para com eles se agenciarem de forma provisória ou sedentária, ora se alternando de sítio em sítio, ora se enraizando com força em ruas e praças, promovendo tessituras de laços de sociabilidade e engajando afetos e memórias. A obra de fôlego *Salas de cinema e história urbana de São Paulo (1895-1930). O cinema dos engenheiros*, do pesquisador José Inácio de Melo Souza, não recusa a evidente engrenagem e a indissociabilidade essencial entre cinema e cidade. Em densos nove capítulos –somados a um primoroso portfólio com detalhes de vida e morte de salas de cinema, num recorte temporal que vai de 1892 a 1930– o livro, publicado em 2016, monta um rico quebra-cabeça de diversos dados ligados às histórias dos primeiros equipamentos urbanos de lazer cinematográfico paulistas.

As 398 páginas –caprichosamente ilustradas com fotos, imagens de documentos e reproduções de plantas baixas de algumas casas exibidoras– costuram os elos de uma intrínseca relação entre a introdução desses locais no contexto moderno da cidade de São Paulo, a expansão do mercado de diversões e as aventuras dos empresários de entretenimentos populares, o aparecimento e a exploração comercial de tecnologias de projeção de imagem e som e, mais notadamente, a série de instrumentos e



medidas de regulação, controle e ordenação do solo urbano e edificações citadinas voltadas para usos coletivos à época determinada pelos âmbitos municipal e estatal.

É mister salientar que José Inácio de Melo Souza, já no texto de introdução, situa a sua obra na esteira de estudos que a partir dos anos 1960 e 1970 passaram a não mais elipsar aspectos da exibição cinematográfica, tirando este grande objeto de pesquisa (seus personagens, eventos, situações, estratégias etc.) de uma mera posição acessória frente aos cânones da análise fílmica e aos tradicionais exames historiográficos, levantamentos e compêndios sobre estéticas e narrativas cinematográficas. Isso quer dizer que o livro de Souza se coloca entre as mais indispensáveis publicações que se debruçam sobre as genealogias, histórias e revisões acerca das atividades exibidoras e suas inserções no vasto universo do cinema brasileiro e em contextos urbanos, socioculturais e mercadológicos. Ao lado de pesquisas brasileiras, de fôlegos variados, já realizadas nesse sentido,¹ o volume de José Inácio de Melo Souza se junta a uma tendência muito profícua de notáveis debates acerca da supracitada relação entre equipamentos, salas de cinema e cidades e, mais especificamente, às mais atuais pautas e preocupações em relação à memória dos cinemas de rua e de práticas de ida ao cinema.

Com base em uma pesquisa que muito se valeu, conforme ressalta o próprio autor, da maior atenção dada atualmente à preservação de arquivos e acervos, o livro inicia-se através de uma jornada mnemônica que refaz o trajeto de um cronista, em 1907, “(...) em busca das emoções excitantes causadas pela originalidade da imagem em movimento (...)”.² Flaneando de cinema em cinema, o Capítulo 1 remonta à fase de

¹ BOCCANERA JÚNIOR, Sílio. *Os cinemas da Bahia - 1897-1918*. Salvador: UDUFBA/EDUNEB, 2007; FERRAZ, Talitha. *A Segunda Cinelândia Carioca*. 2.ed. Rio de Janeiro: Mórula, 2012; FREIRE, Rafael de Luna. *Cinematographo em Niteroy: história das salas de cinema de Niterói*. Niterói: Niterói Livros/ Rio de Janeiro: INEPAC, 2012; GONZAGA, Alice. *Palácios e Poeiras: 100 anos de cinema no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Ministério da Cultura, Funarte, Record, 1996; SARAIVA, Kate. *Os cinemas do Recife*. Recife: Funcultura. 2013; SIMÕES, Inimá. *Salas de cinema em São Paulo*. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura: PW, 1990; VIEIRA, João Luiz e Margareth Campos da Silva Pereira. *Espaços do sonho: arquitetura dos cinemas no Rio de Janeiro 1920-1950*. Rio de Janeiro: Embrafilme, 1982, etc.

² SOUZA, José Inácio de Melo. *Salas de cinema e história urbana de São Paulo (1895-1930)*. O cinema dos engenheiros. São Paulo: Senac São Paulo, 2016, p. 24.

introdução do lazer mais característico do *smartismo*³ cosmopolita de início de século XX: a atividade de ida ao cinema, a experimentação das vistas móveis, o tornar-se espectador cinematográfico.

Souza relata que a primeira projeção de imagens em movimento em São Paulo foi uma tentativa frustrada, já que problemas técnicos a impossibilitaram de acontecer. A sessão organizada por Antônio Salles Barretto na Confeitaria Pauliceia, localizada à rua 15 de Novembro, precisou ser adiada do dia 22 de abril de 1895 para três dias depois. Assim, na programação de 25 de abril –conforme apontam dados coletados pelo autor em pesquisas nos sites da Cinemateca Brasileira e do Arquivo Histórico de São Paulo–, apresentações de kinetoscópio foram promovidas no salão da confeitaria por um homem denominado Professor Kij. No entanto, essa foi uma atração que não se configurou propriamente como uma exibição cinematográfica, dado o caráter individualizado de espectação através do aparelho em questão. Uma projeção efetivada por meio de um cinematógrafo, ou seja, que possibilitasse uma espectação coletiva de imagens em movimento, ocorreria em São Paulo apenas no ano seguinte, em 7 de agosto de 1896, em um sobradinho na rua Boa Vista, número 48-A, pelas mãos do empreendedor Georges Renouveau.

Daí em diante uma série de demonstrações de filmes importados (muitos deles tendo os títulos aporuguesados como forma de aproximação com o público), utilizando aparelhos originais (cinematógrafos, animatógrafos etc.) e contrafações diversas, alimentou um profícuo circuito de locais destinados à exibição de filmetes e a atrações variadas, tais como concertos, serviços de bar, jogo de bilhar, prestidigitação, esquetes de dança, apresentações de bonecos animados etc.

É interessante notar como José Inácio de Melo Souza traça a trajetória do paulatino estreitamento dos laços entre cinemas, praças e ruas em São Paulo, demonstrando como as telas passaram a integrar o cotidiano da cidade na primeira década do século

³ SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na primeira república*. São Paulo: Brasiliense, 1995, p. 38.

passado. O autor esclarece que nas pautas do dia-a-dia, os discursos não excluíam os alardes a respeito dos riscos que os cinemas ofereciam aos seus frequentadores: o mais temido deles, os incêndios. À medida que teatros já existentes passavam também a sediar sessões de exibição de película promovidos por comerciantes “itinerantes”, novas inquietações iam sendo erigidas em torno da entrada cada vez mais intensa desses equipamentos na vida ordinária de vários distritos de São Paulo. Entre essas preocupações, estariam as condições de uso, segurança e salubridade dos espaços destinados à exibição de filmes, já que os locais raramente ofereciam boa circulação de ar e as operações técnicas dos maquinários de projeção lidavam com materiais altamente inflamáveis. Aqui, o leitor se depara com um tema que atravessa toda a obra de Souza: o exame minucioso dos trâmites e procedimentos operados por engenheiros ligados a âmbitos públicos responsáveis pela normatização das edificações voltadas para espetáculos de palco e tela.

Praticamente todos os capítulos do livro jogam luz sobre a nítida conexão entre a viabilização/ inviabilização do comércio de exibição de fitas e as instâncias públicas legisladoras, reguladoras e fiscalizadoras –comissões de obras, Justiça, higiene e saúde pública, polícia etc. Inclui-se nesta esfera alguns personagens engenheiros e administradores públicos responsáveis pela proposição (e aplicação) de uma série de medidas que culminaram na Lei nº1.954, instrumento que regulamentou, a partir de 1916, as construções de cinematógrafos na cidade de São Paulo.

José Inácio de Melo Souza assinala que até a promulgação desta lei – que sacudiu o primevo cenário exibidor paulista causando, entre outros fatores, uma reconfiguração no número de salas –havia apenas tímidos marcos regulatórios para os comércios de divertimentos públicos. Citando trechos de relatórios e cartas do engenheiro José de Sá Rocha (uma figura de destaque nesse processo), o autor dá pistas interessantes sobre a fase de *boom* dos cinematógrafos em São Paulo, quando os exibidores e empresários do lazer agiam com muita liberdade até terem de se adequar às normas e cerceamentos impostos aos seus comércios de 1916 em diante.

Outro dado que vale a pena observar (ver o capítulo “O longo caminho de transição”) é a comparação que Souza faz entre os períodos de efervescência do cinematógrafo no Rio de Janeiro e em São Paulo, dando indicações de que na capital paulista, a difusão do cinema ocorreu de forma mais lenta. Ao contrário da franca expansão do número de salas ocorrida no Rio de Janeiro entre 1907 e 1911⁴, o *boom* de cinemas em São Paulo se deu um pouco depois, entre 1914 e 1916. Após este período, muitos espaços fecharam na capital justamente por causa de dificuldades de adaptação à nova legislação para o funcionamento das casas de projeção; outro aspecto que intensificou o processo de enfraquecimento deste primeiro mercado de salas foi a crise no abastecimento de fitas no Brasil, ocasionada pela Primeira Guerra Mundial. Um novo ciclo de construções de cinemas, diz-nos o autor, só se reestabeleceria em 1921.

Percebemos que ao longo do estudo de José Inácio de Melo Souza, quadros comparativos entre São Paulo e Rio de Janeiro dão o sentido de um determinado apreço do autor pelo exame da trajetória de cinemas localizados no eixo mais centralizado do Sudeste. As aventuras de outros exibidores e as articulações entre cinemas, cidade e esferas de regulação do mercado de exibição de outras localidades brasileiras não chegam a ser comentadas. O autor adensa ainda mais a relação Rio - São Paulo quando aborda como alguns velhos conhecidos do panorama dos lazeres cariocas também se atrelavam ao cenário de diversões modernas e ao mercado de exploração de fitas e projeções paulistas. Cunha Salles, no Teatro Apolo, e o “ministro das diversões” do Rio de Janeiro, Paschoal Segreto, com o polêmico *Moulin Rouge*, foram figuras também importantes na introdução e sedimentação das fases geminais do cinema em São Paulo.

Da mesma maneira, já no último capítulo, Souza analisa a condição de existência de uma Cinelândia paulista em vista dos significados deste termo, originalmente cunhado no contexto sociopolítico, imobiliário, urbano e geográfico do Rio de Janeiro, na segunda década do século XX. Haveria como aplicar a ideia de um polo de

⁴ Conforme apontado no clássico “Palácios e Poeiras” (GONZAGA, *op. cit.*).

cinemas, de uma cinelândia, a uma realidade de distribuição de salas que não correspondia aos mesmos padrões do que ocorrera no centro carioca?

Em resposta a essa questão, que apenas se insinua no livro, o autor mostra que a São Paulo, talvez a noção de cinelândia não se aplique globalmente. Nesta cidade, o cinema pulverizou-se bairros afora na década de 1920, dando destaque ao Brás, um arrabalde que, para desespero de intelectuais puristas e bairristas, especializou-se no oferecimento de cinemas lançadores. Assim, ao longo do tempo, já não era mais o centro, e o seu Triângulo da Sé (formado pelas ruas 15 de Novembro, São Bento, São João e Direita), o lócus especial agregador de cinemas.

Quando o cinema se torna, de fato, sonoro, na década de 1930, São Paulo já havia passado, segundo José Inácio de Melo Souza, por uma miríade de etapas que transformaram um comércio de exibição incipiente em um setor exibidor de fato. Outras regulações, outras tecnologias, outras adaptações se colocaram na pauta daqueles que estruturaram a segunda fase dos cinemas em meio ao espaço urbano paulista. Evidenciando esses desdobramentos, o autor parece deixar aos leitores um convite para que estudos posteriores se dedique, com o mesmo fôlego, ao exame do recorte temporal que começa onde o grande “Salas de cinema e história urbana de São Paulo (1895-1930) – O cinema dos engenheiros” termina.

Referências bibliográficas

- BOCCANERA JÚNIOR, Sílio. *Os cinemas da Bahia - 1897-1918*. Salvador: UDUFBA/EDUNEB, 2007.
- FERRAZ, Talitha. *A Segunda Cinelândia Carioca*. 2.ed. Rio de Janeiro: Mórula, 2012.
- FREIRE, Rafael de Luna. *Cinematographo em Nichteroy: história das salas de cinema de Niterói*. Niterói: Niterói Livros/Rio de Janeiro: INEPAC, 2012.
- GONZAGA, Alice. *Palácios e Poeiras: 100 anos de cinema no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Ministério da Cultura/ Funarte/ Record, 1996.
- SARAIVA, Kate. *Os cinemas do Recife*. Recife: Funcultura. 2013.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na primeira república*. São Paulo: Brasiliense, 1995.

SIMÕES, Inimá. *Salas de cinema em São Paulo*. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura/PW Gráficos, 1990.

SOUZA, José Inácio de Melo. *Salas de cinema e história urbana de São Paulo (1895-1930). O cinema dos engenheiros*. São Paulo: Senac São Paulo, 2016.

VIEIRA, João Luiz e Margareth Campos da Silva Pereira. *Espaços do sonho: arquitetura dos cinemas no Rio de Janeiro 1920-1950*. Rio de Janeiro: Embrafilme, 1982.

Fecha de recepción: 4 de noviembre de 2017

Fecha de aceptación: 7 de diciembre de 2017

Para citar esta reseña:

FERRAZ, Talitha. “Sobre Souza, José Inácio de Melo. *Salas de cinema e história urbana de São Paulo (1895-1930). O cinema dos engenheiros*”, *Vivomatografías. Revista de estudios sobre precine y cine silente en Latinoamérica*, n. 3, diciembre de 2017, pp. 235-241. Disponible en: <<http://www.vivomatografias.com/index.php/vmfs/article/view/129>> [Acceso dd.mm.aaaa].

* **Talitha Ferraz** é mestre e doutora em Comunicação e Cultura pela Escola de Comunicação da UFRJ (ECO-UFRJ), com estágio doutoral realizado na Universidade Nova de Lisboa, Portugal. Desenvolveu pesquisa de pós-doutorado no *Centre for Cinema and Media Studies* da Ghent University (CIMS-UGent), Bélgica, com apoio da Capes. É professora da ESPM-Rio, onde atua como líder do Grupo de Pesquisa “Modos de Ver - Estudos das salas de cinema, exibição e audiências cinematográficas” (ESPM/CNPq) e pesquisadora associada ao Laboratório de Estudos de Memória Brasileira e Representação (LEMBRAR-ESPM). Também é pesquisadora associada à Coordenação Interdisciplinar de Estudos Contemporâneos da UFRJ (CIEC-UFRJ) e membro das redes de pesquisa “Cinema City Cultures” e “International Media and Nostalgia Network”. É autora do livro *A segunda Cinelândia carioca* (Editora Mórula, 2012). E-mail: talitha.ferraz@gmail.com.